

RIO DE JANEIRO: A COMUNICAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA CIDADE-ESPETÁCULO

RIO DE JANEIRO: COMMUNICATION AND THE CONSTRUCTION OF THE "SPECTACLE-CITY"

RIO DE JANEIRO: COMUNICACIÓN Y CONSTRUCCIÓN DE LA CIUDAD-SHOW

Ricardo Ferreira Freitas

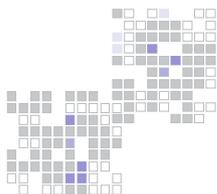
■ Coordenador do PPGCOM/UERJ. Possui graduação em Comunicação Social (habilitação em relações públicas) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1984), mestrado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1990) e doutorado em Sociologia - Université de Paris V (Rene Descartes) (1993). Desenvolveu estágio pós-doutoral em Comunicação no CEAQ/Sorbonne com bolsa da CAPES (2006/2007). É professor associado da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde leciona, desde 1986, na graduação de Relações Públicas.

■ E-mail: rfreitas@uerj.br.

Vânia Oliveira Fortuna

■ Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), mestrado em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-2009), especialização em Comunicação Empresarial pela Universidade Candido Mendes (2005), extensão universitária em Organização de Eventos, Cerimonial e Protocolo pela Universidade Candido Mendes (2001) e graduação em Comunicação Social (habilitação em Jornalismo) pela Universidade Estácio de Sá (1984). É membro dos grupos de pesquisa Comunicação Urbana, Consumo e Eventos e CAC - Comunicação, Arte e Cidade, ambos da UERJ.

■ E-mail: vaniafortuna@gmail.com.



RESUMO

A proposta deste artigo é discutir a construção da vocação do Rio de Janeiro para abrigar megaeventos, com inspiração no imaginário da Exposição Nacional de 1908, na Exposição Internacional de 1922 e nos Jogos Pan-americanos de 2007. Esses eventos valorizaram a monumentalidade como argumento que elevaria a cidade a ambientes internacionais propícios ao exercício do capitalismo pleno. No século XXI, com a tentativa de reinvenção da marca Rio de Janeiro, temos uma série de megaeventos que valorizam importantes receitas turísticas do Brasil nos diversos campos dos negócios. Novamente, a ideia de internacionalização é associada à cidade.

PALAVRAS-CHAVE: CIDADE; COMUNICAÇÃO; MEGAEVENTOS.

ABSTRACT

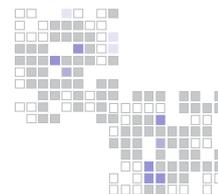
The purpose of this paper is to discuss the construction of the vocation of Rio de Janeiro to host mega events, inspired by the imagery of National Exhibition of 1908, the International Exhibition of 1922 and the Pan American Games of 2007. Those events valued the monumentality of Rio de Janeiro as an argument to improve the city as an international place conducive to the full exercise of capitalism. In the 21st century, with the attempt to reinvent the Rio de Janeiro brand, there have been a series of mega events that value important tourism revenue in Brazil in various fields of business. Again the idea of internationalization is associated with the city.

KEYWORDS: CITY; COMMUNICATION; MEGAEVENTS.

RESUMEN

El propósito de este trabajo es discutir la construcción de la vocación de Rio de Janeiro como sede de grandes eventos, inspirado en el imaginario de la Exposición Nacional de 1908, la Exposición Internacional de 1922 y en los Juegos Panamericanos de 2007. Esos eventos valoraran la monumentalidad como el argumento que elevaría a la ciudad a un entorno internacional propicio para el ejercicio del capitalismo pleno. En el siglo XXI, con el intento de reinvencción de la marca Rio de Janeiro, tenemos una serie de mega- eventos que valorizan los ingresos del turismo en Brasil en diversos campos de negocio. Una vez más, la idea de la internacionalización es asociada a la ciudad.

PALABRAS CLAVE: CIUDAD; COMUNICACIÓN; MEGA-EVENTOS.



1. Introdução

Cristo Redentor, Pão de Açúcar, Floresta da Tijuca. Redenção, doçura e natureza são três possíveis representações da cidade do Rio de Janeiro. O Brasil é um país festivo. Em todo o território nacional, inúmeras celebrações comemoram datas consagradas pelo calendário cristão como o Natal, o Círio de Nazaré e a Nossa Senhora Aparecida, além de grandes festividades folclóricas como o Boi-Bumbá e o Maracatu. O Brasil acolhe ainda diversos shows internacionais e eventos comerciais e acadêmicos nas suas diferentes regiões durante todo o ano.

Neste artigo, limitamo-nos a abordar os encontros que acontecem na cidade do Rio de Janeiro, com especial enfoque aos eventos de grande porte. Para isso, desenvolveremos uma breve abordagem histórica sobre alguns eventos sediados pela cidade a partir do início do século XX como a Exposição Nacional de 1908 e a Exposição Internacional de 1922. Comentaremos também o impacto dos Jogos Pan-Americanos na cidade em 2007. Nossa intenção é discutir a vocação do Rio de Janeiro para abrigar grandes celebrações, consolidando a imagem de cidade na qual se vive uma convivência absolutamente representativa dos valores brasileiros como a alegria e a hospitalidade gentil.

O Rio de Janeiro do início do século XX, a exemplo das exposições acontecidas em Paris e em Londres no século XIX, também valorizou a monumentalidade como arma que elevaria a cidade a um dos ambientes internacionais propícios ao capitalismo triunfante. Isso acontece a partir de uma autoimagem desejada pela elite brasileira contra o abismo existente entre a utopia do progresso europeu e o atraso colonial que marcava os países da América do Sul. Essa fórmula associada à mistura cultural do Brasil resultaria em um lugar acolhedor para os megaventos, sem deixar de lado a ideia de reforçar a imagem de cidade próspera e preparada para re-

ceber milhões de pessoas ao mesmo tempo. Esses eventos expõem os cosmopolitismos, as culturas nacionais e as culturas locais, propondo traduções interculturais a cada dado. Os megaventos têm se transformado em uma das importantes receitas turísticas do Brasil, tanto na área de entretenimento e lazer como também nos diversos campos dos negócios. O Rio de Janeiro é uma das cidades brasileiras que participam ativamente desse processo. Com a Copa do Mundo no Brasil em 2014 e os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro em 2016, percebemos que o discurso midiático tem estabelecido novos paradigmas de cobertura jornalística, priorizando as ações de transformação para o sucesso desses megaventos.

2. Exposições Universais e consumo

As Exposições Universais na Europa e nos Estados Unidos do século XIX - Londres (1851, 1862), Paris (1855, 1867, 1878, 1889, 1900), Viena (1873), Filadélfia (1876) e Chicago (1893) – estimularam vários países a aparecerem no cenário internacional e mostrar seus talentos comerciais e industriais, incluindo o Brasil. Muitas vezes com tempo de duração de até seis meses, esses eventos contavam com um toque futurista eurocêntrico que influenciou outros países do mundo a se aventurarem a participar comercialmente e tecnologicamente. Em geral, as Exposições Universais focaram na produção intelectual, industrial e comercial do período vigente vivido pelos países participantes. Trata-se de um espetáculo inspirado nas ambições burguesas de consolidação das políticas econômicas de seus países.

Neste texto, entendemos as exposições universais como meios de comunicação de massa, próprios de suas épocas, que celebram a genialidade industrial como processo comercial, ou seja, de consumo. Assim, à luz dos estudos do consumo contemporâneo, percebemos que o ajuntamento de pessoas nas grandes exposições universais do século XIX proporcionou importantes mudanças

No Rio de Janeiro, no entanto, parece haver uma preocupação maior com a imagem internacional da cidade do que com um cotidiano de qualidade para o cidadão.

na opinião pública a respeito dos países envolvidos e suas técnicas. O dinheiro já era, portanto, a mola propulsora do evento: “recomendava-se ao capital que viesse dar apoio a essas iniciativas, financiando a produção daqueles inventos que haviam comprovado a sua novidade, utilidade e uso social.” (Pesavento, 1997, p. 95).

Acompanhando a receita, o otimismo, a industrialização, o paternalismo e a filantropia também são palavras de ordem das exposições do século XIX, com obviamente a intenção de incluir o trabalhador de uma vez por todas no circuito comercial e de consumo. Em relação à primeira exposição francesa, Pesavento acrescenta: “Nesse contexto, os novos produtos e novos materiais eram enfatizados quanto ao seu baixo custo, possibilitando o uso popular e a melhoria das condições de vida da classe trabalhadora” (Pesavento, 1997, p. 95).

Benjamin entendeu as exposições universais como “centros de peregrinação ao fetiche mercador” (2006, p. 57), nos quais os cidadãos se alienavam ao contemplar o espetáculo da indústria. Todavia, Benjamin também admitiu que as Exposições poderiam provocar um encontro entre a multidão e a arte. A primeira exposição universal de Paris, em 1855, reuniu 80.000 expositores, número que impressionou o pensador, admitindo a importância do evento inclusive em termos de arquitetura, como no caso do Palácio da Indústria.

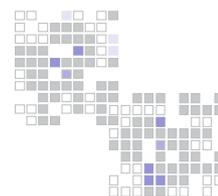
As demais exposições do século XIX e início do século XX na Europa e nos Estados Unidos mantiveram essa lógica do espetáculo da produção e da tecnologia, influenciando países dos demais continentes como a Ásia e a América do Sul. Em todas elas, foi estimulada a ideia de deixar monu-

mentos e pavilhões para a história, como podemos comprovar com a Torre Eiffel e a Ponte Alexandre II, em Paris. Mais recentemente, em 1998, o Parque das Nações em Portugal recuperou uma área decadente às margens do Rio Tejo. Barcelona, pós-Olimpíadas de 1992, é a grande referência internacional de cidade que efetivamente foi beneficiada com um megaevento. No Rio de Janeiro, no entanto, parece haver uma preocupação maior com a imagem internacional da cidade do que com um cotidiano de qualidade para o cidadão, haja vista a predominância no planejamento de melhorias nos transportes públicos e nas arenas dos jogos visando os turistas. O morador da cidade não é muito levado em conta como já havíamos observado no início do século XX com as exposições de grande porte sediadas pela cidade.

3. A exposição nacional de 1908 e a construção da cidade-espetáculo do Rio de Janeiro

Além das comemorações em relação ao centenário da abertura dos portos e à chegada da família real ao Rio de Janeiro, a Exposição Nacional de 1908 tinha como objetivo mostrar os produtos fabricados no país e também ostentar a nova cidade do Rio de Janeiro ao mundo. Passados cem anos da criação do Jardim Botânico, do Banco do Brasil e da Imprensa Nacional, a capital do Brasil acabara de sofrer intervenções radicais de 1902 a 1906, durante o mandato do Prefeito Pereira Passos. Entre elas, a Avenida Central, atual Avenida Rio Branco, inaugurada em 1905, que virou lugar da moda, competindo com a Rua do Ouvidor.

A reforma urbana de Pereira Passos (ou Reforma Passos), período conhecido popularmente como “Bota-abaixo”, visou dar ao Rio ares de



O orgulho do “nacional”, caráter essencial desse tipo de evento, tomou conta da exposição de 1908, apesar de o Brasil ainda viver sob a égide da arquitetura e dos valores europeus.

cidade moderna e cosmopolita. Esse período representou para a capital do país a superação da cidade colonial-escravista e o início de sua transformação em espaço adequado ao modo de produção capitalista, com o centro e a zona sul sendo o lugar do consumo e os subúrbios o lugar da produção com as indústrias que a eles se deslocavam (Abreu, 2008, p. 67).

O evento de 1908, mesmo sendo nacional, inspirou-se nas grandes exposições universais e exibiu a produção da indústria, ampliando mercados e apresentando a nova cidade. Afinal, em 1889, em Paris, o Brasil queria mostrar seus progressos tecnológicos, mas era a riqueza natural que sobressaía, deixando evidente a distância entre o discurso de modernidade e o que o Brasil tinha realmente a oferecer. Mas, foi após a Exposição norte-americana comemorativa da compra de Luisiana, em 1904, que o Brasil sentiu-se capaz e motivado a promover uma exposição em dia com o progresso. Assim, a Exposição de 1908 seria uma ótima oportunidade de o país, e especialmente sua capital, testarem se estavam preparados para receber eventos de grande porte e, sobretudo, se seriam convincentes na promoção das suas tecnologias, artes e indústrias em geral. Essa aprovação alçaria sua produção a um nível mais importante e respeitado, abrindo portas para, anos mais tarde, abrigar finalmente uma Exposição Internacional (Levy, 2008, p. 68).

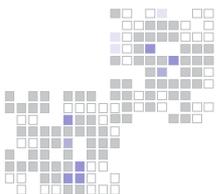
A nova institucionalidade política também era um forte argumento para assinalar que a distância entre o discurso do progresso e a realidade fora superada a partir da implantação da República em 1889. O Brasil precisava se firmar como nação republicana e, nesse imaginário, era necessário modificar as cidades, “limpá-las”,

crescê-las, e provocar legados para o futuro em formas de edifícios, novas avenidas e aterros. Aliás, os aterros são características perversas do progresso em uma cidade tão bem servida de águas por todos os lados, como o Rio de Janeiro. A Exposição de 1908 serviu como mais um teste para esse propósito, visto que Pereira Passos já havia provado que a cidade do Rio de Janeiro, a despeito de estar nas Américas e de sua pobreza, poderia alcançar ares de metrópole europeia. De preferência, ares parisienses.

Antes das intervenções urbanas construídas em nome da Exposição Nacional, era difícil caracterizar a Praia Vermelha como um bairro separado de Botafogo, pois na área descampada só havia a Fortaleza de São João, a Escola Militar, o Hospício Pedro II e as obras do Instituto Benjamin Constant. Apesar da efemeridade da proposta, a Praia Vermelha caracteriza-se a partir de então como bairro, assim como a Urca. “Se a Reforma 1902/1906 investiu na construção da Avenida Beira-Mar, que dava um tratamento paisagístico a todo o contorno da Baía de Guanabara até Botafogo, a Exposição de 1908 ampliava essa intervenção até os terrenos da Praia Vermelha, incorporando-os ao mesmo tratamento urbanístico e arquitetônico atualizado” (Levy, 2008, p.9).

O ecletismo estimulou boa parte das obras construídas para a Exposição, com grandes prédios, palácios e pavilhões, tentando mostrar a cidade como capital moderna e civilizada. O orgulho do “nacional”, caráter essencial desse tipo de evento, tomou conta da exposição de 1908, apesar de o Brasil ainda viver sob a égide da arquitetura e dos valores europeus. O país já mostrava sua riqueza baseada na diversidade cultural.

À época, os prédios foram, à sua maioria, ma-



terializados em madeira e estuque o que, apesar de oferecer ao visitante a aparência de perenidade, não significava permanência no ambiente para além do evento. As construções efêmeras na Praia Vermelha não impediram, no entanto, uma maior viabilização do bairro, acrescentando alguns novos pontos turísticos à cidade. A exposição foi dividida em quatro seções: Agricultura, Indústria Pastoral, Indústrias e Artes Liberais.

Embora sem as dimensões de uma Exposição Universal, a Exposição de 1908 ficou aberta durante três meses e hospedou pavilhões de boa parte do Brasil e o Palácio Manuelino de Portugal, recebendo mais de um milhão de pessoas. Apesar das doenças que ainda acometiam severamente a população, o Rio de Janeiro mostrava o início da sua marca de cidade-espetáculo, que se consolidaria ao longo das próximas décadas. Era necessário, para a imagem do Distrito Federal, afastar-se da ideia de cidade infestada por doenças endêmicas como febre amarela, disenteria, varíola e peste bubônica, por exemplo, evitando, assim, o desvio de navios para outros países, o que prejudicava enormemente o comércio e a imigração.

A Exposição Nacional de 1908 é fruto também de outra questão ideológica influenciada pelos Estados Unidos como ex-colônia rica e bem sucedida. O “país do futuro” se inspirava no seu vizinho do norte para pensar seus eventos e arquitetura. “Apesar de todo o modismo no Brasil estar ainda, nesta ocasião, ligado à cultura e ao gosto europeu, sobretudo parisiense, a determinação norte-americana representou um estímulo a novas realizações” (Levy, 2008, p. 189). A mistura dessas influências esteve presente nos bailes, nos espetáculos de queima de fogos, nos corsos e nos espetáculos teatrais e musicais que aconteceram durante o evento. Modismos franceses e norte-americanos se enfronhavam na nação tropical que, décadas mais tarde, iria perceber e promover seus corpos de maneira menos vestida.

À época todos os veículos impressos de comu-

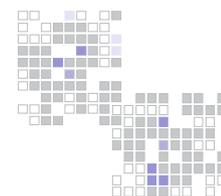
nicação deram destaques importantes à Exposição de 1908, como podemos perceber na pesquisa de Ruth Levy (2008). *Jornal do Brasil*, *Jornal do Commercio*, *Gazeta de Notícias*, entre outros, acompanhavam o *Jornal da Exposição*, veículo criado para a ocasião e dirigido por Olavo Bilac, na alegria do momento. Esse jornal é um exemplo claro de uma perspectiva de relações públicas dos poderosos da época em querer consolidar a imagem da cidade através de um evento, com vistas aos negócios e ao fortalecimento político da República que ainda engatinhava em tantos lugares do Brasil.

Inspirada em Habermas (1984), Mônica Velloso, ressalta que no início do século XX, a imprensa ocupa enorme importância na vida urbana, “quando o processo de socialização vai se deslocando da esfera privada para a pública” (Velloso, 2004, p. 21). A opinião pública passa a incorporar parcelas significativas dos diferentes setores da cidade do Rio de Janeiro.

Com uma primeira exposição brasileira que construiu um cenário próprio para sua existência, o Rio de Janeiro começou a constituir um conceito de cidade que sabe recepcionar os estrangeiros, com grande interferência da arquitetura, dos negócios e da comunicação. E é claro do “*savoir vivre*” da população da cidade.

4. 1922: a Exposição do Centenário da Independência

Entre 1908 e 1922, a evolução na reforma urbana carioca refletiu, substancialmente, as contradições existentes no sistema político-econômico brasileiro da época. De um lado, os Governos da União e do Distrito Federal privilegiavam as esferas do consumo de acordo com os desejos das classes dominantes, com repercussões diretas na renovação urbana do centro da cidade e no embelezamento da Zona Sul. As cirurgias urbanas se sucederam, afetando os bairros pobres. Ao mesmo tempo, e sem apoio do Estado, as indústrias



se multiplicaram e se expandiram em direção aos subúrbios, criando novas áreas, dotando-as de infraestrutura e gerando empregos. “Estes, por sua vez, atraem mão-de-obra numerosa, que tanto se instala nos subúrbios, como dá origem a novas favelas, situadas próximas às áreas industriais” (Abreu, p. 72).

O Pavilhão da Administração e do Distrito Federal é um dos exemplares históricos dos edifícios construídos para abrigar a Exposição do Centenário da Independência do Brasil.

Como prefeito do Distrito Federal (1920-1922), Carlos Sampaio entendeu a cidade como meio de comunicação e desenvolveu um cenário próprio com o arrasamento do Morro do Castelo e o consequente aterro da área onde se instalou a Exposição Internacional comemorativa do Primeiro Centenário da Independência do Brasil. Com a ideia de colocar esse pedaço da cidade em uma nova ordem, longe da miséria que lhe era peculiar, o prefeito optou pela importância financeira da mudança, de modo que o Rio de Janeiro passasse a ser competitivo nos negócios em geral.

Sem receios, Sampaio alterou a geografia do centro do Rio de Janeiro em nome de outra paisagem, baseada na assepsia desejada internacionalmente. A nova estética proposta implicava situar, de forma mais definitiva, a cidade na lista internacional de grandes sedes de eventos e negócios. Uma moderna organização urbanística se integra às reformas já feitas por Pereira Passos, valorizando o centro da cidade. Isso explica também a avidez pelo desmonte do Morro do Castelo, justamente um dos locais que deram origem à cidade no século XVI.

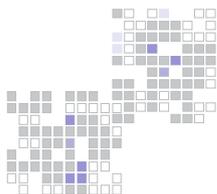
A Exposição de 1922 ensejou debates e transformações profundas na arquitetura carioca, provocando novas leituras de arquitetos de diferentes origens. Alguns órgãos de imprensa da época associavam a obra do morro e a realização da Expo-

sição como uma justificativa legítima para a extirpação dos horrores ali presentes, como as doenças e a miséria (Levy, 2010, p. 66). Para outros veículos de comunicação, o fim do morro representava a vitória da burguesia sobre o trabalhador. Esses acreditavam que a verdadeira cidade estava sendo camuflada e obrigada a se afastar de seu local de origem. O fato é que, efetivamente, o centro da cidade mudou, com novas ordens de deslocamentos e de aglomerações. Anos mais tarde, boa parte do material de desmonte do morro foi usada nas obras do Aterro do Flamengo.

No governo do presidente Epitácio Pessoa, foi oficialmente aberta a Exposição Internacional do Centenário da Independência em 7 de setembro de 1922, com encerramento na primeira semana de julho de 1923. A área destinada à “Avenida das Nações” se estendeu do Palácio Monroe (demolido em 1976 para a passagem do metrô) até a Ponta do Calabouço e, entre os principais pavilhões construídos, estava o Palácio das Indústrias, edifício que até hoje abriga o Museu Histórico Nacional. França, Estados Unidos, Inglaterra, México, Argentina, Itália, Portugal, Bélgica, também apresentaram seus pavilhões e incrementaram a diplomacia política e comercial na área.

O Pavilhão da Administração e do Distrito Federal é um dos exemplares históricos dos edifícios construídos para abrigar a Exposição do Centenário da Independência do Brasil. O prédio atualmente abriga o Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (MIS-RJ). Outros exemplos são: o Pavilhão da Estatística, hoje Centro Cultural da Saúde; o Pavilhão das Grandes Indústrias, atual Museu Histórico Nacional; e o Pavilhão da França, réplica do Petit Trianon, que abriga a sede da Academia Brasileira de Letras.

A Exposição também influenciou o crescimento da rede hoteleira, ganhando maior importância com a criação do Hotel Glória e do Copacabana Palace. Este último só ficou pronto no inverno de 1923, já ao fim do período da Exposição, e re-



O encerramento da última Copa do Mundo deu a largada para os meios de comunicação, quase que diariamente, destinarem espaços significativos aos megaeventos na cidade.

presenta até os dias de hoje um marco na história da hospitalidade carioca.

O Rio de Janeiro se inscrevia mais uma vez no cenário internacional dos grandes eventos. Nesse mesmo período, a cidade de São Paulo também marcou sua vocação cultural com a Semana de Arte Moderna realizada em fevereiro de 1922 com o objetivo de mostrar a produção da arte brasileira, aliada à vanguarda europeia, mas sem perder seu caráter nacional. Para a imagem de um país reconhecido pela sua arte, indústria e matéria-prima de qualidade, desejada pelo Brasil, o ano de 1922 foi profícuo.

5. Os Jogos Pan-Americanos de 2007 e a consolidação do Rio de Janeiro como cidade-espetáculo

Saltando propositalmente no tempo, chegamos ao maior evento realizado no Brasil, evento esse que supostamente qualificou o Rio de Janeiro como uma das sedes da Copa de 2014 e sede absoluta das Olimpíadas de 2016. Atraídos pelas importantes e crescentes discussões que os megaeventos suscitam na sociedade, e sua íntima relação com as cidades, estamos atentos às representações midiáticas desses que podem ser consideradas verdadeiras metamorfoses urbanas. Essas narrativas, que constroem diferentes representações, têm o poder de transformar lugares em espaços e espaços em lugares¹, a partir da organização de jogos de linguagem que influen-

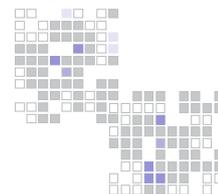
1 Certeau conceitua lugar como “a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. [...] Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. [...] Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. [...] Em suma, o espaço é um lugar praticado (1994, p. 202).

ciam as relações e a forma de ocupação da cidade.

Constatamos que durante os Jogos Pan-Americanos, a mídia representou uma cidade dos sonhos. Uma cidade confiante e feliz foi oferecida como espetáculo, característica de uma estética social. Verificamos que, assim como as paixões, as narrativas vivem o bem e o mal. E nós, consumidores diários dessas representações, praticamos a cidade conforme a sua orientação. Repetitivas e fragmentadas, as narrativas sobre problemas recorrentes no cotidiano carioca deram ênfase a um novo cenário. Segundo Maffesoli, “Existe, com efeito – é importante frisá-lo –, um vaivém constante entre os estereótipos da vida de todos os dias e os arquétipos, enraizados na memória coletiva, e muito bem ilustrados pelos mitos, contos e lendas” (2004, p. 96).

Para manter o poder simbólico, Contrera afirma que a mídia se utiliza de uma “forte estética do espetáculo” (2002, p. 51), preocupando-se, muitas vezes, mais com a forma da informação do que com a qualidade de um discurso contextualizado. Na busca frenética pela visibilidade, a mídia adquiriu um caráter narcisista. A autora relaciona essa questão à busca também frenética pelo entretenimento. A sociedade estaria atraída mais por jogos competitivos do que por interações lúdicas. Contrera propõe sua reflexão sobre a influência da imagem-mercadoria e da informação-mercadoria como uma ferramenta típica da cultura de uma sociedade do espetáculo.

O encerramento da última Copa do Mundo deu a largada para os meios de comunicação, quase que diariamente, destinarem espaços significativos aos megaeventos na cidade. Em 27 de agosto de 2010, *O Globo* enviou e-mail marketing aos assinantes reiterando que as Olimpíadas de 2016 já



estão causando impactos na cidade e para os leitores saberem mais sobre o assunto, estava sendo encartada, em 2 de setembro do mesmo ano, uma revista especial chamada *Correndo para o sonho olímpico*, onde, entre outras seções, encontramos *Pan – O que a cidade aprendeu em 2007*, com o objetivo de trazer à tona lembranças (e esquecimentos) que ajudam a construir as representações.

Percebemos que a memória é constantemente solicitada por jornalistas e especialistas, como nas edições de 16 de agosto: “Lições do passado:

O imaginário acerca da metrópole carioca é resultado de múltiplos atravessamentos que envolvem fundamentalmente indivíduos, espaço, e mídia.

especialistas lembram o Rio Cidade e o metrô” (p. 13), e de 10 de setembro: “Não se pode errar nos Jogos de 2016”, onde se lê que “para não perder essa histórica chance, o Rio precisa olhar atrás e à frente; no passado recente, os atropelos e as malfeitorias do Pan são exemplos do que não deve ser feito; e, de olho no futuro, a cidade não pode perder de vista o legado que aqui ficará, em áreas que transcendem o esporte – como, entre outras, transporte, urbanismo, turismo e segurança” (p. 6). Neste sentido, os megaeventos servem à construção de uma temporalidade na qual presente e passado se misturam para acelerar o futuro. Segundo Barbosa, “graças à capacidade de tornar presente e de misturar presente e passado, entendem-se as razões que levam os meios de comunicação a assumirem o papel de verdadeiros guardiões das comemorações e de construtores de uma materialização da memória” (2007, p.55).

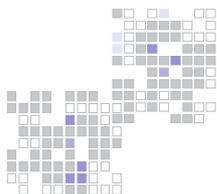
Os anos 2014 e 2016 já se configuram no agora. Numa tela, traços de um imaginário começam a ser delineados por um pincel chamado representações. Percebemos que o futuro atravessa o presente. E este presente recorre constantemente

a estratégias memorialísticas que retomam erros e acertos do passado para legitimar a construção de uma nova realidade. Fica evidente que vivemos um tempo de transformações. Na trajetória de chegada desses megaeventos, a mídia vai nos apresentar uma cidade com mil faces. Uma cidade como cenário e como personagem. Significados cristalizados serão repensados e reapresentados. Toda essa contradição será apropriada de diferentes maneiras, que poderão constituir manifestações de aceitação e rejeição aos eventos. Manifestações alternadoras do ritmo da cidade, demonstrando que uma sobrecarga simbólica pode desencadear mobilizações distintas ao fazerem dos megaeventos um solo fértil para os estudos de uma lógica comunicativa que observa as relações mutáveis organizadas em torno das representações midiáticas, e seus reflexos no espaço público.

6. Considerações finais

Apesar de separados praticamente por um século, a Exposição Nacional de 1908 e os Jogos Pan-Americanos de 2007 delimitam dois momentos bem distintos da história do Rio de Janeiro. O primeiro mostra o início do estabelecimento de uma adjetivação: cidade-espetáculo. O segundo, 99 anos depois, ocorre em uma metrópole conhecida mundialmente. Tal como Nova Iorque, Londres, ou Paris, o nome Rio de Janeiro traz consigo todo um imaginário permeado por inúmeras representações, que vão de “cidade maravilhosa” a “cidade partida”. Neste sentido, os meios de comunicação ocupam um papel central, potencializando e realimentando essas representações. O imaginário acerca da metrópole carioca é resultado de múltiplos atravessamentos que envolvem fundamentalmente indivíduos, espaço, e mídia.

A denominação cidade-espetáculo não surgiu ao acaso, ela está em permanente construção. Neste contexto, a Reforma Passos foi funda-



mental, pois deu ao Rio de Janeiro um ar mais cosmopolita, deixando para trás o ranço colonial e adotando uma postura mais aberta ao mundo. Surgiu assim também um personagem altivo, que vive intensamente a sua cidade e prefere a multidão à praça vazia: o carioca.

A Exposição Nacional de 1908 foi o primeiro megaevento que a cidade recebeu pós-Reforma Passos. Depois houve a Exposição Universal de 1922, e a Copa do Mundo de 1950. Mais recentemente a Eco-92 (Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento), três edições do Rock in Rio

(1985/1991/2001/2011), culminando com os Jogos Pan-Americanos de 2007. Em 2012, o Rio de Janeiro recebeu mais um megaevento, o Rio+20.

A coesão social gerada por esses acontecimentos dá origem a uma pluralidade de códigos, objetos e significados que são incorporados ao cotidiano urbano de uma sociedade midiaticizada. Não só no tocante à sociabilidade, mas também às modificações físicas que são realizadas na cidade. Um megaevento vai muito além do certame em si, ele congrega inúmeras representações que permitem entender a cidade e as relações que ali se estabelecem.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Maurício. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Instituto Pereira Passos, 2010.
- BARBOSA, Marialva Carlos. *Percursos do olhar: comunicação, narrativa e memória*. Niterói. Editora da UFF, 2007.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano I: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1988.
- CONTRERA, Malena Segura. *Mídia e pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia*. São Paulo, Annablume: Fapesp, 2002.
- DURKHEIM, Émile (1895). “As Regras do Método Sociológico”. In: GIANNOTTI, José Arthur. *Os Pensadores: Émile Durkheim*. São Paulo, Editora Abril Cultural, 1978.
- FREITAS, Ricardo Ferreira e FORTUNA, Vânia Oliveira (2009). “O Rio de Janeiro continua lindo, o Rio de Janeiro continua sendo um grande palco de megaeventos”. In: FREITAS, FREITAS, Ricardo Ferreira e BORELLI, Sílvia H.S. *Comunicação, Narrativas e Culturas Urbanas*. Rio de Janeiro, Editora PUC-SP, 2009.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- _____. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Mouton, 1925.
- LESSA, Carlos. *O Rio de todos os Brasis – uma reflexão em busca de autoestima*. Rio de Janeiro, Record, 2000.
- LEVY, Ruth. *Entre palácios e pavilhões: a arquitetura efêmera da exposição nacional de 1908*. Rio de Janeiro, EBA/UFRJ, 2008.
- _____. *A Exposição do Centenário e o meio arquitetônico carioca no início dos anos 1920*. Rio de Janeiro, EBA/UFRJ, 2010.
- MAFFESOLI, Michel. *A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna*. Rio de Janeiro, Record, 2004.
- PESAVENTO, Sandra Jatthy. *Exposições universais: espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo, HUCITEC, 1997.
- _____. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- VELLOSO, Monica. *A cultura das ruas no Rio de Janeiro (1900-30): mediações, linguagens e espaços*. Rio de Janeiro, Edições casa de Rui Barbosa, 2004.
- WATIER, Patrick. *Georg Simmel – sociologue*. Belval: Circé/Poche, 2003.

